



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 25/03/2022 a 31/03/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
25/03/2022	17,10	487,90	74,75	11,02	7,54
28/03/2022	16,64	478,90	72,45	10,57	7,48
29/03/2022	16,43	466,00	71,66	10,14	7,26
30/03/2022	16,64	473,10	72,22	10,27	7,38
31/03/2022	16,18	467,50	69,94	10,06	7,48
Média	16,60	474,68	72,20	10,41	7,43

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	182,00	
RS – Não Me Toque	182,00	
RS – Londrina	176,00	
PR – Cascavel	174,00	
MT – C.N.Parecis	163,00	
MS – Maracaju	175,00	
GO - Rio Verde	164,00	
BA – L.E.Magalhães	168,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	88,00	CIF
Porto de Paranaguá	92,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	85,00	
SC – Rio do Sul	89,00	
PR – Cascavel	80,00	
PR – Londrina	80,00	
MT – C.N.Parecis	78,00	
MS – Maracaju	80,00	
SP – Itapetininga	89,00	
SP – Campinas	93,00	CIF
GO – Rio Verde	74,00	
GO – Jataí	74,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	94,00	
RS – Não Me Toque	94,00	
PR – Londrina	94,00	
PR – Cascavel	102,00	

Período: 30/03/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 31/03/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	90,65	190,28	94,60

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
31/03/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	76,21
Feijão (saco 60 Kg)	287,50
Sorgo (saco 60 Kg)	77,85
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,22
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,99**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,08

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Fevereiro/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da

EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, sofreram um forte recuo após o anúncio dos relatórios de intenção de plantio da nova safra da oleaginosa nos EUA e de estoques trimestrais, na posição 1º de março, no dia 31/03. Com isso, o primeiro mês cotado fechou este dia em US\$ 16,18/bushel, cotação que não era vista desde meados de fevereiro, contra US\$ 17,00 uma semana antes, perdendo quase um dólar no espaço de cinco dias úteis. Vale destacar que os preços dos derivados recuaram bastante, com o farelo chegando a bater em US\$ 466,00/tonelada curta, voltando aos níveis do início de março, enquanto o óleo de soja atingiu a 69,94 centavos de dólar por libra-peso, valor que não era visto desde o final de fevereiro.

Em relação aos relatórios, o USDA indicou uma área a ser plantada com soja nos EUA, neste ano, em aumento de 4% sobre a de 2021, para atingir a 36,8 milhões de hectares. Já os estoques trimestrais, na posição 1º de março, ficaram 24% superiores ao volume encontrado um ano antes, surpreendendo em parte o mercado. Com isso, os mesmos, em 1º de março, estavam em 52,5 milhões de toneladas.

Dito isso, as exportações estadunidenses de soja, na semana encerrada em 24/03, registraram um volume de 628.819 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Em todo o atual ano comercial o país embarcou 43,4 milhões de toneladas, ou seja, 20% a menos do que um ano atrás.

Ainda na área internacional, durante esta semana a China teria acelerado suas compras visando aumentar a moagem de soja e repor os estoques de farelo e óleo, os quais estariam muito baixos, elevando as cotações dos mesmos para níveis recordes, especialmente o farelo, na Bolsa chinesa de Dalian. Por outro lado, voltaram a haver vários picos de Covid em cidades da China, com paralisação de fábricas processadoras, falta de caminhões e demora nos portos. Nos dois primeiros meses de 2022 as importações chinesas de soja brasileira atingiram a 3,51 milhões de toneladas, um aumento de 241% sobre o mesmo período do ano passado, de acordo com dados da Administração Geral das Alfândegas da China. E além das compras, a chegada de volumes brasileiros de soja ao país asiático também é maior em 2022, na comparação anual. Da mesma forma, é possível observar que as vendas de soja dos Estados Unidos, para China e os chamados "destinos não revelados", superam os anos anteriores. Na prática, a China e outros importadores têm comprado mais soja do que o normal nesta época do ano, dos EUA, depois da quebra na safra da América do Sul ocasionada pela seca, além da invasão russa à Ucrânia, fato que fechou portos ao longo do Mar Negro (cf. Bloomberg).

E no Brasil, com um câmbio que desceu para R\$ 4,75 durante a semana, os preços da soja despencaram. No Rio Grande do Sul, o balcão, após ter atingido a R\$ 204,00 há algumas semanas, fechou a última semana de março na média de R\$ 190,28/saco, enquanto as principais praças do Estado já negociavam o produto a R\$ 182,00/saco. Isso significa um recuo de até R\$ 22,00/saco em 10 dias úteis. Nas demais praças nacionais igualmente os preços recuaram fortemente, com as médias oscilando, nesta semana, entre R\$ 163,00 e R\$ 176,00/saco. E o tombo só não é maior porque Chicago se mantém próximo das máximas históricas e os prêmios nos portos brasileiros continuam próximos de US\$ 2,00/bushel quando, nesta época, historicamente trabalham entre US\$ 0,40 e US\$ 0,85/bushel.

Neste contexto, pesa a forte quebra da safra nacional de soja. Assim, no Rio Grande do Sul, com uma colheita que atingia a 14% da área até o final da semana anterior, a produtividade média obtida girava em torno de 1.460 quilos/hectare, ou seja, 24 sacos/hectare, contra uma expectativa inicial entre 60 e 65 sacos. Tem-se aí perdas entre 60% a 63% do total esperado. Lembrando que há regiões com perdas totais nas lavouras de soja.

Já a colheita da soja no Brasil teria atingido, até o início da corrente semana, um total de 77,4% da área, com a projeção de produção final despencando para 119,5 milhões de toneladas, segundo a AgRural.

Quanto ao futuro plantio, safra 2022/23, espera-se um aumento de área ao redor de 0,5% sobre o ano anterior. Na safra anterior, o plantio atingiu a 40,7 milhões de hectares. Porém, os custos de produção serão maiores. A conversão de áreas de pastagem, por exemplo, passa de R\$ 3.000,00/ha, para R\$ 7.000,00. Sem falar na disparada dos preços dos fertilizantes. Neste quadro, espera-se uma colheita, na futura safra, em clima normal, de 141 milhões de toneladas, após a frustrada safra atual. (cf. Itaú BBA)

No Paraná, a colheita da soja atingiu a 83% da área semeada, enquanto a do milho chegava a 97% no início da presente semana. As lavouras que restam a colher, com o retorno das chuvas, melhoraram suas condições. (cf. Deral)

Pelo lado do esmagamento brasileiro de soja, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE) fechou os números relativos ao ano de 2021 (safra 2020/21) para o complexo soja. Após uma colheita de 138,9 milhões de toneladas, o país exportou 86,1 milhões e esmagou 47,8 milhões de toneladas. O esmagamento foi superior em 2% ao resultado do ano anterior. Isso resultou em uma produção de 36,8 milhões de toneladas de farelo, das quais 52% se destinaram ao consumo interno (19,2 milhões de toneladas) e 17,2 milhões de toneladas foram exportadas. Quanto ao óleo de soja, o consumo recuou 6% em relação a 2020, enquanto a exportação cresceu quase 50%. Para 2022, a ABIOVE estima novo recuo nas vendas internas de óleo de soja, com as mesmas caindo para 7,9 milhões de toneladas, voltando ao patamar de 2019. Isso se deve a manutenção da mistura do biodiesel ao diesel de petróleo em 10% (B10). Com isso, o estoque de passagem do óleo de soja, para 2023, chegará ao recorde de 600.000 toneladas. Ao mesmo tempo, a exportação atingirá 1,7 milhão de toneladas e a produção total de óleo de soja permanece em 9,7 milhões de toneladas. Lembrando que a ABIOVE ainda estima uma safra 2021/22 em 125,3 milhões de toneladas, ou seja, bem acima do que outros analistas projetam. Com isso, o esmagamento de soja em 2022 ficaria em 48 milhões de toneladas.

Quanto às exportações do complexo soja brasileiro, em 2021, a consultoria Datagro avança um volume final de 105,03 milhões de toneladas, ou seja, 4% acima do registrado em 2020. Teriam sido 86,11 milhões de toneladas de grãos de soja, com alta de 3,8% sobre o ano anterior, 17,2 milhões de toneladas de farelo, com alta de 1,9% sobre o ano anterior, e 1,65 milhão de toneladas de óleo de soja, com acréscimo de 49,5% sobre o ano anterior. Para esta consultoria, a safra final brasileira, em 2020/21, teria ficado em 137,8 milhões de toneladas, com aumento de 8% sobre o ano anterior. Neste contexto, o complexo soja brasileiro, na exportação, teria rendido US\$ 48,16

bilhões em 2021, atingindo a novo recorde e superando em 36,7% o valor total exportado em 2020. A soja em grão rendeu US\$ 38,7 bilhões, com aumento de 35,6% sobre o ano anterior, enquanto o farelo somou US\$ 7,4 bilhões, avançando 25,1% sobre 2020, e o óleo de soja resultou em US\$ 2,035 bilhões, com aumento de 167,4% sobre o ano anterior. Assim, considerando um total exportado pelo Brasil em US\$ 289,39 bilhões, o complexo soja contribuiu com 17,2% deste total, batendo um novo recorde. Lembrando que a média dos últimos 10 anos é de 14,6% na participação do complexo no total exportado pelo país, em valores. Para 2021/22, com a frustração da safra, as exportações totais do complexo soja devem ficar em 99,2 milhões de toneladas, segundo a Datagro.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho cederam um pouco durante a semana, especialmente até o dia 31/03, quando do anúncio dos relatórios de intenção de plantio e de estoques trimestrais. Neste dia, as mesmas se recuperaram, porém, o fechamento para o primeiro mês cotado ficou no mesmo nível de preços de uma semana atrás, ou seja, US\$ 7,48/bushel.

O relatório de intenção de plantio indicou um recuo de 4% na área estadunidense a ser cultivada com milho neste ano, com a mesma passando para 36,2 milhões de hectares, ficando abaixo da área de soja. Já o relatório de estoques, na posição 1º de março, apontou um aumento de 2% sobre o mesmo período do ano anterior, ficando dentro do esperado pelo mercado. Tais estoques somavam 189,1 milhões de toneladas na ocasião.

Afora isso, os embarques de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 24/03, somaram 1,6 milhão de toneladas, ficando no limite superior esperado pelo mercado. Assim, o total acumulado no ano comercial atual chega a 29 milhões de toneladas, ficando 15% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, na Argentina os produtores locais de milho haviam vendido 19,5 milhões de toneladas de sua safra 2021/22 até o dia 23/03, diante de uma produção estimada em 49 milhões de toneladas. A Argentina, em condições normais, é o terceiro maior exportador mundial de milho, atrás apenas dos EUA e Brasil. Vale lembrar que, no final do ano passado, o governo argentino estabeleceu um limite para as exportações de milho para o ano comercial 2021/22, de 41,6 milhões de toneladas, para tentar controlar a alta dos preços internos dos alimentos. Já em termos de soja, safra 2021/22, os agricultores argentinos venderam 11,5 milhões de toneladas. Na mesma data do ano anterior o volume de vendas havia sido de 12,8 milhões de toneladas.

E aqui no Brasil os preços do milho igualmente recuaram. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 90,65/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços do cereal oscilaram entre R\$ 74,00 e R\$ 89,00/saco. Enquanto isso, na B3 o vencimento maio/22, no início do pregão do dia 31/03, era cotado a R\$ 90,21/saco, julho a R\$ 90,01, setembro a R\$ 89,21 e novembro a R\$ 92,10/saco.

O mercado do milho no Brasil, já há algumas semanas, vem apresentando sinais de recuo, diante do enfraquecimento da demanda. Com isso, parte dos produtores

passaram a aceitar vender seu produto a preços mais baixos diante da necessidade de fazerem caixa para pagarem dívidas de custeio.

No Rio Grande do Sul, a colheita do cereal chegou a 72% da área no final da semana anterior. Nos últimos dias a colheita tem sido lenta. A produtividade média se mantém em 3.500 quilos/hectare, ou seja, apenas 58,3 sacos/hectare, fato que representa uma quebra de 55% sobre a expectativa inicial de produção. Já o milho silagem apresentava uma colheita de 67% da área no Estado gaúcho, com produtividade média 53% abaixo da esperada, ao ficar em cerca de 20 toneladas/ha de massa verde ensilada. (cf. Emater)

Em termos de Brasil, a colheita de verão no Centro-Sul do país chegava a 62% da área esperada até o dia 25/03. Por Estado, a mesma atingia, além do já citado Rio Grande do Sul, a 77,2% em Santa Catarina, 76,4% no Paraná, 56,7% em São Paulo, 35,2% em Mato Grosso do Sul, 30,3% em Goiás/Distrito Federal, 24,9% em Minas Gerais e 44,6% em Mato Grosso. No mesmo período do ano passado, a colheita atingia a 59% da área, enquanto a média histórica é de 55% para esta época do ano. (cf. Safras & Mercado)

Quanto ao plantio da safrinha deste ano, o Centro-Sul brasileiro registrava 99,1% da área já realizada até o dia 25/03. Espera-se uma área total na safrinha de 14,58 milhões de hectares. Dos principais Estados produtores da segunda safra, Minas Gerais apresentava maior atraso, com 90,3% da área semeada. Já na região do Matopiba, o plantio atingia a 73,8% da área estimada, que é de 1,094 milhão de hectares. (cf. Safras & Mercado)

Devido a seca, a safra de verão do Centro-Sul brasileiro teria ficado em apenas 18,04 milhões de toneladas. Somando as 6,7 milhões do Norte/Nordeste, o total ficaria em 24,74 milhões de toneladas. Por sua vez, a safrinha está estimada em 93,6 milhões de toneladas, ou seja, 49% superior às 62,72 milhões colhidas na frustrada safra passada. Desse total, o Centro-Sul produziria 86,2 milhões e o Norte/Nordeste 7,4 milhões de toneladas. Com isso, o total a ser produzido pelo Brasil, em milho, no ano 2021/22, seria de 118,3 milhões de toneladas, ou seja, 35% acima da frustrada safra anterior. (cf. Datagro)

Dito isso, a grande preocupação dos produtores continua sendo o elevado custo de produção. No Mato Grosso do Sul, o custo do hectare da safrinha estaria, em março, em R\$ 8.220,80, com uma alta de 150% sobre o ano anterior. O cálculo considerou uma produtividade média de 78,13 sacos por hectare, com um preço médio de R\$ 83,53/saco. Os custos são avaliados pela soma de todas as despesas, diretas e indiretas, associadas à produção da cultura de milho. Com isso, segundo o estudo da Aprosoja-MS, para quem comprou insumos ainda em setembro de 2021, há um pequeno lucro de 1,72 saco por hectare, enquanto para quem deixou para comprar em 2022, o risco de prejuízo é certo, de pelo menos 20,3 sacos por hectare. (cf. Aprosoja-MS)

Por enquanto, a safrinha de milho sul-matogrossense está semeada em 95% da área esperada, sendo que a mesma deverá recuar em 12,6% sobre o ano anterior. A produção final continua estimada em 9,34 milhões de toneladas, com uma produtividade média de 78,13 sacos/hectare. Entre os dias 21 e 28 de março o preço

médio do milho no Mato Grosso do Sul recuou 8%, ficando em R\$ 82,38/saco. Já na comparação anual, o preço médio de março/22 está 16,7% acima da média de março/21 (R\$ 88,30 contra R\$ 74,58/saco). (cf. Famasul)

Por sua vez, no Mato Grosso, o plantio da safrinha está encerrado, esperando-se uma produtividade média de 107,3 sacos/hectare. Em termos de preços médios, houve aumento de 19% no valor do saco de milho, de um ano para outro, com o produto sendo hoje cotado a R\$ 79,37/saco naquele Estado. (cf. Imea)

E no Paraná, 85% da safra de verão de milho estava colhida no início da presente semana, e a quebra de safra se consolida ao redor de pouco mais de 40% do total esperado. Já o plantio da safrinha atingia a 97% da área esperada. (cf. Deral)

Em termos gerais, o clima transcorre bem para o milho safrinha do Centro-Sul brasileiro.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, apresentaram um recuo importante, puxado pela possibilidade de um acordo de paz entre Rússia e Ucrânia. Mesmo que o fato não tenha se confirmado, as cotações se mantiveram em baixa após o anúncio dos resultados de intenção de plantio e estoques trimestrais. Assim, o bushel de trigo, para o primeiro mês cotado, fechou o dia 31/03 em US\$ 10,06, contra US\$ 10,85 uma semana antes.

O relatório de intenção de plantio apontou um aumento de 1% na área geral de trigo a ser cultivada nos EUA neste ano, passando a mesma para 19,2 milhões de hectares. Já os estoques trimestrais, na posição 1º de março, recuaram 22% sobre o mesmo período de 2021, ficando em 27,8 milhões de toneladas, situação já esperada.

Dito isso, os embarques estadunidenses de trigo, na semana encerrada em 24/03, ficaram em 341.191 toneladas, superando de pouco o limite mínimo esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial os EUA exportaram 16,9 milhões de toneladas, ou seja, 17% a menos do que em igual período do ano anterior.

Destaque para o fato de que a Rússia manteve estáveis as exportações de trigo por meio de seus portos do Mar Negro, na semana passada, enquanto as rotas do Mar de Azov permanecem restritas. Enquanto isso, os preços do grão, no mercado russo, continuaram subindo devido ao recente enfraquecimento do rublo. As sanções ocidentais impostas à Rússia complicaram a logística comercial e as transações em bancos estrangeiros para muitas empresas russas nas últimas quatro semanas. (cf. Reuters)

Segundo as consultorias russas IKAR e Sovecon, os preços do trigo com 12,5% de teor de proteína, dos portos do Mar Negro, estavam sendo avaliados em cerca de US\$ 390,00/tonelada livre a bordo (FOB).

Por sua vez, o Ministério da Agricultura ucraniano estima que a área plantada com trigo na Ucrânia possa ser reduzida de 30% a 50% em relação ao ano passado, sendo que

o início do plantio de primavera por lá sofre por conta da guerra, já que há agricultores na linha de frente do confronto, além de haver completa insegurança para que os trabalhos de campo sejam realizados.

No Brasil, os preços do trigo igualmente recuaram. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 94,60/saco, enquanto no Paraná os preços giraram entre R\$ 94,00 e R\$ 102,00/saco.

Este recuo se deve a forte valorização do Real nos últimos dias, fato que torna mais baratas as importações. Mesmo assim, as médias de março atingiram recordes nominais no mercado nacional. Pelo sim ou pelo não, o fato é que o mercado do trigo está muito volátil. A tendência é de um aumento na área a ser semeada com o produto neste ano, porém, o mesmo dependerá muito da elevação do custo de produção.

O fato é que a oferta de trigo no país já se mostra um pouco mais limitada. Em Rio Grande a falta de espaço ajuda na manutenção de patamares ainda elevados de preços para o produto brasileiro. Assim, apesar do recuo, os preços seguem atrativos no porto, com a referência ficando na casa de R\$ 1.920,00/tonelada (R\$ 115,20/saco) do cereal posto moinho.

É sempre bom lembrar que a nova safra de trigo no Brasil chega apenas em setembro, via o Paraná, fato que, até lá, pode elevar novamente os preços para níveis históricos.

Para o Rio Grande do Sul existem expectativas de um plantio sobre 1,5 milhão de hectares, fato que, em clima normal, pode gerar uma produção entre 4,5 a 5 milhões de toneladas. Porém, os custos de produção elevados podem ser o grande limitador desta tendência.

Por sua vez, a Embrapa tem planos de aumentar a área com trigo no Cerrado brasileiro, fazendo a mesma chegar a 353.000 hectares até 2025, gerando uma produção extra de 300.000 toneladas. Em 2021, a produção brasileira de trigo chegou a 7,7 milhões de toneladas, com importação de outros 6,2 milhões. Mais de 80% da produção vem do Rio Grande do Sul e Paraná, mas o plantio avança também no Cerrado, onde a produtividade do trigo irrigado chega a ser três vezes maior que a do grão gaúcho. Atualmente, 40% da área de plantio no Cerrado é irrigada, mas o plano técnico da Embrapa é elevar em 75 mil hectares o cultivo de sequeiro, que rende menos, mas tem custo de produção menor e menos competição por terras com feijão e outros produtos. A Embrapa desenvolve cultivares de trigo resistentes à seca e ao calor na região desde a década de 1980. O trabalho será coordenado pela empresa de pesquisa pública, mas terá a participação da indústria moageira, cooperativas, extensão rural, associações de produtores e federações da agricultura, além de lideranças regionais.

Em termos gerais, em havendo aumento de área semeada e o clima ajudando não se descarta uma produção nacional de trigo, em 2022, entre 8 e 9 milhões de toneladas. (cf. TF Agrônômica)